



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante: Paul B. Preciado e o elogio da travessia

For dysphoric bodies and a mutant epistemology: Paul B. Preciado and the praise of the crossing

Pedro Alexandre de Albuquerque¹

Resumo: Este artigo busca entender o pensamento de Paul B. Preciado propondo que há em sua produção um *elogio da travessia*, que por sua vez está atrelado a um sistema epistemológico que pressupõe (1) fronteiras construídas, (2) um incômodo diante dessas fronteiras – que ele vem a chamar de disforia – e (3) um atravessamento por essas fronteiras. Desse jeito, a fim de demonstrar isso, iremos nos deter sobre três produções desse autor, *Um apartamento em urano: crônicas da travessia* (2020), *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas* (2022) e *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando* (2023).

Palavras-chave: Paul B. Preciado. Disforia. Epistemologia.

Abstract: This article seeks to understand the thinking of Paul B. Preciado, proposing that there is in his production a “praise of crossing”, which in turn is linked to an epistemological system that presupposes (1) constructed borders, (2) a discomfort in the face of these borders – which he comes to call dysphoria – and (3) a crossing of these borders. Therefore, in order to demonstrate this, we will focus on three productions by this author, *An apartment on Uranus: chronicles of the crossing* (2020), *Can the monster speak? : report to an academy of psychoanalysts* (2022) and *Dysphoria mundi: a diary of planetary transition* (2023).

Keywords: Paul B. Preciado. Dysphoria. Epistemology.

¹ Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, com bolsa de pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. ORCID: [0009-0002-7053-1985](https://orcid.org/0009-0002-7053-1985) - E-mail: pedroalexandre402@gmail.com.



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

Introdução

Paul B. Preciado é um filósofo que nasceu em 1970 na Espanha. É mestre em filosofia e teoria de gênero pela New School for Social Research e doutor em filosofia e teoria da arquitetura pela Universidade de Princeton. Em sua produção filosófica dedica-se, sobretudo, a estudos envolvendo corpo, gênero, sexualidade e a forma com que essas dimensões interagem com outros domínios do social. Além disso, mas ainda junto dessa sua formação acadêmica, podemos considerar também sua experiência enquanto um corpo trans para entender sua empreitada filosófica, uma vez que é recorrente, senão decisiva, a menção a essa sua experiência na construção de seu pensamento. Seus escritos são permeados por elaborações autobiográficas que fazem referência, justamente, às suas vivências transexuais, que também lhe servem de diálogo para suas percepções sobre esse processo na contemporaneidade. Porém, como sondar esses traços e como isso interfere em seu projeto filosófico?

Na tentativa de responder a essas questões, o que se quer defender neste artigo é que Preciado mobilizaria sua transexualidade – nos termos disso que ele chama de um “regime da diferença sexual” (Preciado, 2022) – como um referencial recorrente e importante para a construção de seu pensamento público. E ele faria assim na intenção de questionar limites abusivos de diversos níveis da vida social, propondo, em contrapartida, diferentes transformações e disrupções para promover um pensamento em prol de vidas livres. Nessa linha, o *elogio da travessia* aqui proposto é uma possibilidade de entender a maneira com que esse filósofo mescla a experiência da transexualidade com questões políticas, sociais, econômicas, culturais e de diversos outros domínios, levantados por ele, das experiências humanas.

Ademais, seus escritos estariam, em virtude desses aspectos, intimamente relacionados à sua realidade recorrentemente avaliada como algo em disputa, tensão e denúncia, e isto por ser justamente um corpo trans que vivenciaria exigentes percalços em decorrência de um mundo hostil à sua volta. A denúncia desse corpo transexual recairia, assim, sobre a herança persistente de um complexo processo histórico obstrutivo a essas vidas, e que encontraria raízes nas empreitadas coloniais do século XVI (Preciado,



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

2023, p. 42). É então, em vista disso, que ele promove uma filosofia combativa e transformadora. Seu esforço seria o de elucidar tais entraves herdados, mas também demonstrar possibilidades de reconfiguração e convocar seus interlocutores para uma revolução que favoreça a vida diversa.

Buscando pensar isso tudo, podemos recorrer a três livros de sua produção: *Um apartamento em urano: crônicas da travessia* (2020), *Eu sou o monstro que vos fala* (2022) e *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando* (2023), para com eles compreender transversalmente esse *elogio da travessia* aqui proposto. Por conseguinte, isso irá nos auxiliar a visualizar melhor o sistema filosófico de Preciado, que ainda está em processo de criação e elaboração, uma vez que se trata de um pensador vivo e atuante.

Erguendo fronteiras

Como mencionado, é possível sondar na produção desse filósofo certas denúncias a um tipo de cosmopercepção ou paradigma. Isto é, uma espécie de epistemologia que mediará as técnicas dos seres para conhecer o real em suas diversas dimensões. A princípio, e de forma mais limitada, esse regime foi chamado por Preciado de *epistemologia binária do ocidente*, e isto, na introdução escrita por ele no ano de 2018 para *Um apartamento em urano*, livro publicado pela primeira vez em 2019. Esse termo seria entendido como:

O universo inteiro cortado em dois e somente em dois. Tudo tem um direito e um avesso nesse sistema do conhecimento. Somos o humano ou o animal. O homem ou a mulher. O vivo ou o morto. Somos o colonizador ou o colonizado. O organismo ou a máquina. Fomos divididos pela norma. Cortados em dois e forçados em seguida a escolher uma de nossas partes. O que chamamos de subjetividade não é mais que a cicatriz deixada pelo corte na multiplicidade do que poderíamos ter sido. Sobre essa cicatriz, escreve-se o nome e afirma-se a identidade sexual (Preciado, 2020, p. 25-26).

Já em *Eu sou o monstro que vos fala*, publicado em 2020 pela primeira vez, essa lente epistêmica foi denominada por Preciado de *regime da diferença sexual*. Tal nome se deu por esse livro ser a reprodução de uma fala que teria sido pronunciada por Preciado em 2019, na Jornada Internacional da Escola da Causa Freudiana em Paris. O escrito foi, então, preparado para abordar a psicanálise nesse evento, e que só não foi enunciado na íntegra em decorrência da interrupção oriunda do alvoroço causado diante de 3500



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

psicanalistas. Escândalo esse que se justificou pela revolta acerca da posição de Preciado em relação à psicanálise, profundamente criticada por ele, embora houvesse nesse seu ato propostas de transformações que eliminariam violências persistentes. Em razão disso, ele aponta tais traços agressivos nesse saber como expoentes de um regime da diferença sexual e colonial que limitaria a vida, e que teria surgido em consonância às empreitadas de dominação imperialista do século XIX:

Em primeiro lugar, o regime de diferença sexual que vocês consideram universal e quase-metafísico, no qual toda teoria psicanalítica é baseada e articulada, não é uma realidade empírica, nem uma ordem simbólica fundadora do inconsciente. É apenas uma epistemologia dos vivos, uma cartografia anatômica, uma economia política do corpo e uma gestão coletiva das energias reprodutivas. Uma epistemologia histórica que se constrói em relação a uma taxonomia racial na época do desenvolvimento mercantil e colonial europeu, e que se cristaliza na segunda metade do século XIX. Esta epistemologia, longe de ser a representação de uma realidade, é uma máquina performativa que produz e legitima uma ordem política e econômica específica: o patriarcado heterocolonial (Preciado, 2022, p. 49).

Tanto na primeira definição quanto na segunda, nota-se o esforço para definir um tipo vigente de uma epistemologia restrita. E, embora a segunda seja mais direcionada para a psicanálise em específico, ao passo que a primeira sugere uma maior amplitude, Preciado ressalta em ambas a persistência de uma dicotomia que fora instaurada – sob o pretexto da dominação hierárquica – para justificar o poder de relações coloniais, raciais e sexuais. Dessa maneira, o filósofo, no decorrer de sua atuação, elaborava com seu pensamento público a perspectiva de um regime restritivo que teria se espalhado pelo mundo a partir de uma matriz eurocêntrica, uma vez que a *epistemologia binária do ocidente* se referiria, de modo bem sugestivo, a um pensamento ocidental que prezaria pela dicotomia hierárquica, e no qual, pode-se dizer, o *regime da diferença sexual* teria sido estruturado para criticar mais especificamente a psicanálise.

Todavia, foi em seu livro mais recente, *Dysphoria mundi*, publicado em 2022 e no cenário da pandemia da Covid-19, que Preciado esboça uma conceituação mais abrangente sobre esse regime epistemológico restrito, e que abarcaria, por sua vez, suas explicações anteriores sobre temáticas similares. Sendo assim, nesse seu livro, se desenvolve a percepção e a crítica sobre um regime de verdade nomeado por ele de *petrossexorracial*, que seria justamente aquele que continuaria, mesmo que em tensão, a



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

organizar e limitar o nosso mundo. E esse tal regime insistiria em produzir sistemas de controle social e em classificar os corpos como válidos e dissidentes a partir de noções de raça e sexo. Em suas palavras:

Denomino “petrossexorracial” o modo de organização social e o conjunto de tecnologias de governo e de representação que surgiram a partir do século XVI com a expansão do capitalismo colonial e das epistemologias raciais e sexuais desde a Europa para a totalidade do planeta (Preciado, 2023, p. 42).

Assim, na sua reflexão, o nosso mundo ainda estaria determinado pelo caminhar desse processo asfixiante, que teria se iniciado e se desenvolvido nos últimos cinco séculos. Em relação à nomenclatura, ela foi empreendida por Preciado tanto pelo seu principal aspecto econômico, que seria de teor predatório, e que teria se elaborado até depender “da combustão de energias fósseis altamente contaminantes e geradoras de aquecimento climático” (Preciado, 2023, p. 42), quanto pela forma com que distribuiu e hierarquizou os corpos na cadeia produtiva, organizando “os seres vivos de acordo com as taxonomias científicas modernas de espécie, raça, sexo e sexualidade” (Preciado, 2023, p. 42).

Desse jeito, seria esse enquadramento epistêmico, o *petrossexorracial*, que teria passado a assolar e estruturar o mundo inteiro com as empreitadas coloniais, e que seguiria em atividade até a atualidade. Preciado manifesta com isso sua defesa de que as colonizações foram algo muito além de um período histórico que teria ocorrido e terminado com o fim dos sistemas coloniais. Na sua visão, tais investidas de dominação teriam sido, na verdade, a imposição de “epistemologias, infraestruturas cognitivas, regimes de representação, técnicas do corpo, tecnologias do poder, discursos e aparatos de verificação, narrativas e imagens que seguem operando no presente” (Preciado, 2023, p. 42).

O filósofo, com a ideia de regime *petrossexorracial*, estabeleceria assim a forma com que o mundo teria passado a se organizar, devido a um dispositivo de dominação difundido pelas colonizações. Porém, ele não esclarece muito bem a origem dessa epistemologia dominadora em seus escritos. Ele apenas a concebe como resultado de uma colonização em seu ato, descartando o esclarecimento de genealogias anteriores. Mesmo assim, é possível conjecturar, a partir de um referencial bastante sugestivo, e tomando



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

seus livros aqui mencionados como interlocutores, que ele se posiciona contra o pensamento ocidental e europeu, sobretudo no desenrolar da ciência moderna, que favoreceu o surgimento de um planeta colonizado por potências imperiais a partir do século XVI. Ainda mais quando consideramos a sua ideia de *epistemologia binária do ocidente*, que, muito provavelmente, está se referindo a uma tradição de um pensamento ocidental que pode ser definido nos termos de Walter Mignolo:

[...] por conhecimento ocidental e razão imperial/colonial compreendo o conhecimento que foi construído nos fundamentos das línguas grega e latina e das seis línguas imperiais europeias (também chamadas de vernáculos) e não o árabe, o mandarim, o aymara ou o bengali, por exemplo) (Mignolo, 2008, p. 290).

Tendo em consideração, portanto, seus três livros aqui eleitos para a análise, *Dysphoria mundi* é o livro que estabelece com mais corpulência a ideia de um sistema de poder, embora faça assim de modo mais ensaístico do que analítico. Mesmo assim, o esforço conceitual é ainda louvável. E também, é possível dizer que as ideias formuladas na *epistemologia binária do ocidente* e no *regime da diferença sexual* se preservam até chegar nesse ápice de definição filosófica, o que revela sua persistente elaboração nessa linha de pensamento. Isto porque, em todas as expressões aqui sinalizadas, as fronteiras estabelecidas no passado são basicamente as mesmas e provocam o mesmo efeito geral: persistem na restrição atual dos corpos e na mutilação da multiplicidade humana.

Contudo, e como já sugerido, o que se faz não é apenas uma denúncia para nada oferecer. É antes uma denúncia para convidar a novos caminhos a serem trilhados; caminhos esses disfóricos e mutantes. Assim, ao fazer esse movimento argumentativo, Paul B. Preciado aponta e convida para uma libertação desse regime, e que estaria na execução de uma *travessia*. De certa forma, nos outros dois livros aqui selecionados, já conseguimos ver essa ideia como guia, mas é ainda em *Dysphoria mundi* que ele propõe um diagnóstico geral e ao sugerir que uma transição a nível global já está em percurso. Mesmo assim, devemos continuar a nos debruçar sobre todos os escritos selecionados para entendermos melhor a formatação de seu pensamento. É em vista disso que devemos doravante pensar a forma com que o filósofo elabora tal cenário de convite para uma travessia.



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

Questionando fronteiras

Para compreender melhor o ponto dos atravessamentos de limites, devemos recorrer, novamente, ao livro *Um apartamento em urano*. Neste, que é uma antologia, encontramos a reunião de crônicas produzidas por Preciado para diversos jornais europeus de 2010 a 2018, cuja principal motivação era comentar e pensar questões que assolavam a contemporaneidade. Mesmo que, nesse livro, sua perspectiva sobre os fenômenos de “transição” esteja espelhada em fragmentos, por se tratar de uma antologia de crônicas, podemos ainda assim organizar aqui aspectos gerais.

Nesse sentido, o interessante de se constatar em primeiro plano é que essas crônicas foram produzidas ainda quando Paul B. Preciado se entendia como Beatriz Preciado (Preciado, 2020, p. 31), nome com que parou de assinar em janeiro de 2016 (Preciado, 2020, p. 35). Essa situação de transição é relatada por ele na já comentada introdução de 2018. E tal sinalização não deve ser compreendida como uma informação banal, mas como uma sinalização intencional que permite contemplar a vivacidade de suas crônicas reunidas, uma vez que foram forjadas por um corpo que experimentou um tipo de transformação, a qual escorre por essas crônicas. Afinal, como ele mesmo comenta:

Termino este livro, sempre no meio da encruzilhada, assinando com meu novo nome e com um documento de identidade que indica que meu sexo legal é masculino. [...] Tais crônicas têm dois (ou mais) autores, ou, em outras palavras, nelas se manifesta de forma hiperbólica (fenômeno que existe em todo processo de escrita, mas que se esconde sob a unicidade do nome) a distribuição da autoria numa multiplicidade de vozes que operam a travessia. (Preciado, 2020, p. 32).

Conceber esse apontamento acerca das autorias que produziram seus textos significa nos deixar muito mais próximos de sua ideia de *travessia*. Isto porque, para ele, a transexualidade seria exatamente uma ocorrência que permitiria a realização de um tipo de travessia, e que nada mais seria do que uma denúncia. Porém, antes de elaborarmos isso melhor, cabe esclarecer também que não é apenas a transexualidade que é vista como um possível fenômeno de tal aspecto. Ele equivalentemente ressalta outro, que seria a situação dos emigrantes, pois tanto estes quanto os corpos trans realizariam o ato de transladar e denotando inconsistências arregimentadas:



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

Eu ousaria dizer inclusive que os processos de transição são os que permitem compreender melhor a transformação política mundial que estamos enfrentando. A mudança de sexo e a migração são duas práticas de transição que, questionando a arquitetura política e jurídica do colonialismo patriarcal, da diferença sexual e do Estado-nação, situam o corpo humano vivo nos limites da cidadania, talvez até daquilo que entendemos por humanidade. Além dos deslocamentos geográficos, linguísticos ou corporais, o que caracteriza as duas viagens é a transformação radical não somente do viajante, mas também da comunidade humana que o acolhe ou rejeita. O antigo regime (político, sexual, ecológico) criminaliza todas as práticas da travessia. Mas a cada vez que a travessia é possível, o mapa de uma nova sociedade começa a ser desenhado, com novas formas de produção e reprodução da vida (Preciado, 2020, p. 32).

O que se nota é que, para Preciado, tanto os corpos trans como a condição dos refugiados são processos de transição, cujo ato se revela pela delação de ordens frágeis e autoritárias. Isto porque, na interpretação dele, ambos seriam corpos que questionam fronteiras por quererem atravessá-las. Sua atenção, assim, recai sobre os desconfortos desses corpos diante de regimes obstrutivos que limitam a noção de vida e a delegam a apenas alguns modos, sejam estas restrições originadas de uma dicotomia de gênero vivenciada pelos corpos trans, ou sejam vindas de uma demarcação de um sistema de Estado-nações, vivenciada pelos corpos dos emigrantes. E para ele, esse conjunto de seres que atravessa seria marcado a ferro quente por extrapolar limites e reinventar novas maneiras de estar no mundo, uma vez que, ao atravessarem, derrapariam em uma marginalização e uma indefinição: “O estatuto da pessoa trans é, em termos políticos legais, semelhante ao do migrante, do exilado e do refugiado. Todos eles se encontram num processo temporário de suspensão de sua condição política” (Preciado, 2020, p. 221).

Dessa forma, realizar a travessia seria também se lançar a uma indefinição, porque se vê isolado e distante de um regime compacto de que se fugiu. “A travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho” (Preciado, 2020, p. 32). É ser obrigado a assumir muitas vezes uma posição de dissidência, visto que se atravessa contra uma imposição. Por isso, e se restringindo à transexualidade, acaba que ela, na lógica de um regime binário e de heterossexualidade compulsória, “só pode ser um ato herético” (Preciado, 2020, p. 33).

Porém, e considerando todas essas dificuldades, por que então se atravessaria? Por que atravessar e sair de uma condição sólida para uma incerteza, se o melhor poderia ser



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

se conformar? Por que atravessar se é para se encontrar sob uma condenação? Por que essa coragem de uma travessia que de certa forma pode condenar? É então, a partir dessas perguntas, que podemos começar a entender melhor a ideia de *disforia* desenvolvida por Preciado, e que é um ponto chave em seu pensamento para entender o proposto *elogio da travessia*.

Como se demonstrou, as práticas de travessia seriam uma decisão que subverte limites e denuncia obstruções muitas vezes danosas, prometendo, em contrapartida, a possibilidade de um novo desconhecido, mesmo que incerto e marginal. Contudo, além de ser um grito de liberdade, a travessia seria também, e acima de tudo, um manifesto das inconsistências de certo regime diante da potência da vida. Realizá-la seria denunciar e anunciar crises paradigmáticas, que não se sustentam justamente por causa dessas mobilidades potentes. Assim, retomando os termos da seção anterior, para Paul B. Preciado, a travessia seria uma denúncia aos limites sufocantes e tensionados da *epistemologia binária do ocidente*, do *regime da diferença sexual* e, o mais abrangente no seu pensamento, o *regime petrossexorracial*. Todos marcados pela limitação da potência das vidas humanas.

Preciado ressalta então a virtualidade das pessoas que transitam em questionar as fronteiras e pô-las em questão; em vertigem, fazendo com que o regime de verdade e restritivo se inquiete. Tal como diria a pesquisadora Tânia Navarro Swain:

Quem são elas/eles que vêm quebrar meu Eu, o Nós, esta identidade tão laboriosamente estabelecida, defendida, cujo custo não ousamos avaliar? Quem são elas/eles, que pronome devo utilizar para nomeá-los, para ancorá-los no meu universo do familiar e cotidiano? (Navarro Swain, 2020, p. 224).

O corpo que transita seria, desse modo, aquele que evidencia uma incompatibilidade. E para o regime assustado, eles seriam uma “falha”, um “desvio”, embora algo que consegue expor justamente os limites de um regime e prová-lo como não absoluto. Por isso, Preciado propõe pensar esses processos de transição não em critérios de identidade, mas “de relação e de potencial de transformação” (Preciado, 2020, p. 40). Afinal, e se essas existências que lhe fogem fossem vistas não como identidades falhas, mas como um potencial que não se adequa? Preciado ressalta, por isso, a força dessas



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

existências em fragilizar fronteiras e em demonstrar a condição histórica de regimes de verdade que se anunciam como “naturais”.

É justamente mediante a proposta de *disforia* que Preciado ressalta o mal-estar denunciador de uma dinâmica insustentável e que clama por alguma transformação. Para elaborar isso, o filósofo estabelece um diálogo com a psicanálise freudiana e com a esquizoanálise de Gilles Deleuze & Félix Guattari (2010)², buscando definir assim a *disforia* não como uma doença por se querer viver “fora das prescrições normativas da sociedade binária heteropatriarcal” e sendo diagnosticada “como uma patologia clínica” (Preciado, 2023, p. 21), mas como um grito que certos corpos proclamam; que frações da sociedade proclamam; que partes do mundo proclamam. “A modernidade disciplinar era histórica; o fordismo, herdeiro das sequelas da violência das duas guerras mundiais sobre o psiquismo, era, como demonstraram Deleuze & Guattari, esquizofrênico; o neoliberalismo cibernético e farmacopornográfico³ é disfórico” (Preciado, 2023, p. 25).

O filósofo realiza, com isso, uma diferente leitura dos desencontros entre os regimes denunciados com os corpos vistos como desviantes e inválidos. Desse modo, esses corpos taxados de desvio e marginalidade seriam uma revelação da realidade disfórica, que em vez de um quadro clínico, seria um sintoma da transformação sendo demandada no cenário contemporâneo. Acerca disso, ele afirma o seguinte:

A disforia não existe como doença individual. Ao contrário, é preciso entender a *dysphoria mundi* como efeito de uma defasagem, de uma brecha, de uma falha entre dois regimes epistemológicos: entre o regime petrossexorracial herdado da modernidade ocidental e um novo regime ainda balbuciente que se forja através de atos de crítica e desobediência política. É preciso entender a *dysphoria mundi* como uma condição somatopolítica geral, como a dor produzida pela gestão necropolítica da subjetividade ao mesmo tempo que assinala a *potência* (não o *poder*) dos corpos vivos do planeta (incluído o próprio planeta como corpo vivo) para extrair-se da genealogia capitalista, patriarcal e colonial através de práticas de inadequação, de dissidência e de desidentificação (Preciado, 2023, p. 27).

² Em um dos livros da parceria intelectual entre Gilles Deleuze & Félix Guattari, *O anti-édipo*, os dois filósofos ressaltam a chave para entender os entraves do capitalismo mediante a patologia da esquizofrenia. Preciado fará o mesmo, só que com a patologia da disforia.

³ Para saber mais sobre esse conceito de Preciado, recomenda-se a leitura do livro *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*.



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

Tudo, como ele diria, *is out of joint*⁴. O momento é de disforia, que é “a resistência de uma grande parte dos corpos vivos do planeta à subalternização dentro de um regime de conhecimento e poder petrossexorracial” (Preciado, 2023, p. 22). A realidade é debatida, certezas colapsam porque há quem as questione. Buracos são feitos nas fronteiras porque existem corpos que querem atravessar. O que Preciado convoca nesses seus escritos é uma travessia a ser realizada para a reorganização das coisas. Se está existindo uma disforia generalizada que nos delata o mal-estar presente, por que então não fazer uma transição? Afinal, “[...] na disforia, enquanto resistência à normalização e dor sensorial ou estética, reside também a possibilidade de uma mutação sistêmica” (Preciado, 2023, p. 51).

Atravessando fronteiras

A indefinição é o que define, a princípio, esse momento da travessia, em que quem cruza seria dissidente; seria monstro. E, como Preciado esclarece em *Eu sou o monstro que vos fala*, “o monstro é aquele que vive em transição. Aquele cujo rosto, corpo e práticas não podem ainda ser considerados verdadeiros em um regime de saber e poder determinados” (Preciado, 2022, p. 36). O sujeito agora monstro é uma indefinição, pois foi destituído do que antes o compunha. São seres que tiveram sua ontologia perturbada por desafiar, de certa forma, paradigmas engessados. “O migrante perdeu o Estado-nação. O refugiado perdeu a casa. A pessoa trans perdeu o corpo. Todos eles atravessaram a fronteira. A fronteira os constitui e os atravessa, os destitui e os derruba” (Preciado, 2022, p. 37).

Porém, essas ambiguidades marginais também se transformam quando outros espaços passam a convulsionar; quando o incômodo se espalha e justamente em decorrência da reação dos corpos *monstruosos*. Essa indisposição com o cenário atual e com certas condições é exatamente o convite para que haja alguma transformação. É um

⁴ Aqui faço menção à expressão *Time is out of joint* que pertence a *Hamlet* de William Shakespeare e que é mobilizada por Preciado, e em inglês, devido à sua dificuldade de tradução. O filósofo a utiliza recorrentemente em *Dysphoria mundi* para abrir diferentes seções de um capítulo, o “Dysphoria mundi”.



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

revolver de paradigmas que, para Preciado, se faz urgente quando há esses remelexos: essa disforia. O que precisamos seria então a invenção de “novas metodologias de produção do conhecimento e uma nova imaginação política capaz de confrontar a lógica da guerra, a razão heterocolonial e a hegemonia do mercado como lugar de produção do valor e da verdade” (Preciado, 2020, p. 46).

A necessidade de novas concepções de mundo torna-se uma realidade reivindicada no cenário contemporâneo. Novos paradigmas passam a ser requisitados para reocupar e reorganizar a sociabilidade, pois é na mudança desses referenciais que uma nova política pode ser instaurada. A essa altura, é interessante destacar que Preciado não desliga a relação entre epistemologia e política, vendo-as, por seu turno, como inseparáveis.

Um paradigma determina uma ordem do visível e do invisível, e como tal traz consigo uma ontologia e uma ordem política, isto é, estabelece a diferença entre o que existe e o que não existe social e politicamente, e instaura uma hierarquia entre os diversos seres. Determina uma maneira específica de experimentar a realidade por meio da linguagem, um conjunto de instituições que regulam os rituais de produção e de reprodução social. (Preciado, 2022, p. 50).

E assim, a pergunta passa a ser: como transformar e mudar esse regime epistemológico tão danoso para diversos segmentos que são condenados às margens? Como transitar desse regime *petrossexorracial* para uma novidade mais potente? A fim de entender melhor essa dinâmica, podemos abrir uma discussão sobre revoluções do entendimento e seus efeitos político-sociais. Para tanto, pensemos juntos de alguns historiadores da ciência, que também são invocados pelo filósofo, e que nos auxiliam a compreender melhor o dinamismo da disforia e seu chamado para uma travessia. Começemos então com Thomas Kuhn e suas concepções acerca das revoluções científicas e mudanças de paradigmas.

Dito assim, sobre sua estrutura elaborada acerca desse fenômeno, o filósofo Ian Hacking afirma que Kuhn entende da seguinte maneira as transformações concernentes às transformações paradigmáticas: “ciência normal com um paradigma e dedicação para solucionar quebra-cabeças; seguida de sérias anomalias, que conduzem para uma crise; e finalmente resolução da crise por meio de um novo paradigma” (Hacking, 2013, p. 12).



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

Nessa síntese esquemática de Kuhn, um novo paradigma seria, portanto, requisitado quando inconsistências passam a surgir com um semblante de crise. Tal ocorrência se daria, então, quando o que se tem como pressuposto encontra mais obstáculos do que um aparato para auxiliar um fluxo contínuo. Por isso, as revoluções seriam necessárias exatamente para tentar contornar esses impasses que se anunciam no momento. É um jogo em que se busca superar obstáculos e que, para isso, pressupõe uma flexibilidade de transformações que favoreçam dinâmicas epistêmicas, no sentido de mudar de regimes para temperar um acúmulo de perguntas sem respostas.

Uma epistemologia se caracteriza justamente pela flexibilidade, o que permite a resolução de um certo número de problemas. Até que os problemas que essa epistemologia cria se tornam, por assim dizer, mais numerosos do que aqueles que resolve. De modo que ela, por definição conservadora, lenta e viscosa, torna-se obsoleta, nociva e até mesmo deletéria, e é substituída por uma nova epistemologia, um novo dispositivo, capaz de responder às novas questões (Preciado, 2022, p. 52).

Nesse sentido, os horizontes e seus limites mudam. Os regimes de saber mexem nos limites e nas formas de enquadrar para compreender o real. E a vida, assim, fica incomensurável. Sobre tal cenário de transformação, Kuhn afirma:

Consequentemente, em períodos de revolução, quando a tradição científica normal muda, a percepção que o cientista tem de seu meio ambiente deve ser reeducada - deve aprender a ver uma nova forma (*Gestalt*) em algumas situações com as quais já está familiarizado. Depois de fazê-lo, o mundo de suas pesquisas parecerá, aqui e ali, incomensurável com o que habitava anteriormente (Kuhn, 2013, p. 137).

Além de reafirmar a virtude da flexibilidade sinalizada por Preciado, esse excerto de Kuhn demonstra também que, quando um paradigma muda, as coisas ficam, de certa forma, aparentemente ilimitadas. Ou, pode-se defender, retornam para esse estado ilimitado, quando os devires do real não estão mais capturados por noções que favorecem o entendimento. Assim, tal momento ocorre quando a multiplicidade da realidade é enfim revista devido ao rompimento paradigmático, e, por consequência, novamente se percebe a incomensurabilidade do real. É possível entender essa situação apontada por Kuhn junto de Deleuze & Guattari, que pontuam o seguinte:

As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades (Deleuze & Guattari, 1995, p. 7).



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

Em vista disso, podemos dizer que o real é, a priori, múltiplo, e que quando ocorrem momentos de vertigem, como mudanças paradigmáticas, essa multiplicidade se faz mais uma vez presente porque as totalizações anteriores se mostram insustentáveis para se perpetuar no tempo. E para tentar remediar isso, ou seja, impor novamente fronteiras – uma vez que o entendimento necessita inevitavelmente de fronteiras – é preciso que haja reorganizações e redefinições para seguir um novo caminho mais coeso, e que tentará mais uma vez existir diante das multiplicidades.

Contudo, como os dois filósofos apontam, é preciso reconhecer também que tal esforço de estabelecer redefinições é ainda no múltiplo, e no múltiplo que ocorre no tempo, suscetível assim a transformações. Assumir isso pode também ser uma boa estratégia para não decair em medidas autoritárias que se esforçam para manter agressivamente concepções já frouxas e questionáveis.

Assim, a(s) ciência(s) e seus paradigmas ocorrem em regimes de verdade que estão atrelados a conjunturas históricas. Crises e anomalias convocam para uma mudança paradigmática; para um repensar do entender diante da multiplicidade; para um realinhar de fronteiras. E isto não é justificativa para frustrações ou para decair em um ceticismo profundo, é, pelo contrário, para estimular e ensejar mais ainda um repensar de nossas atuais dinâmicas. Como aponta Preciado,

Não estamos em uma batalha épica entre a ‘ficção’ e a ‘realidade’, mas no meio de uma turbulenta mudança de regime de verdade, onde são os próprios procedimentos que servem para estabelecer as diferenças entre verdadeiro e falso que estão sendo transformados. [...] Uma mudança de paradigma, portanto, não é uma passagem ordenada de uma verdade a outra ou a escolha entre uma ficção ridícula e uma verdade empírica, mas antes um carnaval de ficções que competem para se apresentar como as novas verdades (Preciado, 2023, p. 284).

Desse jeito, e em vista do que foi discutido na seção anterior, podemos assumir que as anomalias e crises discutidas por Kuhn são similares ao que Preciado entende como disforia. E é em decorrência de um cenário disfórico que se reivindicaria alguma revolução paradigmática sobre a vida; seria em razão desses espasmos que Paul B. Preciado convoca para uma mudança paradigmática. Porém, mudar isso, esses regimes de verdade obstrutivos, nos levaria para o quê? Em uma tentativa de resposta otimista, Preciado afirma:



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

[...] o desafio agora não consiste apenas em desmontar as formas de opressão petrossexorraciais instaladas durante a modernidade capitalista, mas também em inventar coletivamente tecnologias sociais simbióticas (e não extrativistas ou hierárquicas) de distribuição de energia (Preciado, 2023, p. 63).

Preciado, desse jeito, convida as pessoas a fazer uma transição para um regime menos rígido e mais flexível com a diferença, e por meio da criação e imaginação de outros mundos, que preferencialmente favoreçam a multiplicidade da vida. “Trata-se de aprender juntos a curar nossas feridas, de abandonar as técnicas da violência e a inventar uma nova política de reprodução da vida em escala planetária” (Preciado, 2022, p. 88). Seria preciso, nos termos de seu projeto, desenvolver “ficções que nos permitam fabricar a liberdade” (Preciado, 2020, p. 145). Fazer a travessia seria, então, sair desse regime de verdade *petrossexorracial* para um diferente, que permita uma maior amplitude da vida; da convivência dos corpos entre si e com o mundo entendido como natural.

Aqui, a palavra *revolução* não é um slogan ideológico ou um ditame partidário, mas uma conjectura, um exercício de emancipação cognitiva, de “fabulação especulativa”, para usar palavras da zoóloga estadunidense Donna Haraway⁵: uma contranarrativa que busca modificar a perspectiva do que está ocorrendo, mudar as perguntas para propor novas respostas. Imaginar já é agir: reivindicar a emancipação como força de transformação política já é começar a mudar (Preciado, 2023, p. 58).

Recorrendo também a Donna Haraway, e a seu *Manifesto ciborgue*, é necessário encontrar argumentos “em favor do *prazer* da confusão de fronteiras, bem como em favor da *responsabilidade* em sua construção” (Haraway, 2019, p. 159). Nesse excerto, o que se encontra é um desejo por esforços que reivindiquem e promovam uma outra ciência, e para isso, seria preciso que houvesse comprometimento para uma nova criação. E quando a estudiosa afirma isso, ela está justamente apontando para a importância de não haver apenas críticas vagas que revelem a dimensão construtiva dos saberes, ou seja, seu caráter conjuntural e temporal, mas para que haja também o estímulo a esforços que criem novas possibilidades. No texto *Conhecimentos situados: a questão da ciência no feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*, ela pontua que “Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como os significados e os corpos são criados não para negá-los, mas para

⁵ Aqui ele faz menção a uma ideia desenvolvida por Haraway em *Ficar com o problema: fazer parentes no chthuluceno*.



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

viver em significados e corpos que tenham uma chance de algum futuro” (Haraway, 2023, p. 327).

Preciado demonstra forte proximidade com o pensamento de Haraway, buscando, tal e qual a pensadora, defender um posicionamento político no meio de uma nova epistemologia. Isto é, definir *responsabilidades*. Como ela, e como já apontado, ele não separa essas dimensões. A travessia, nesse sentido, envolveria não apenas a criação de novas categorias, mas a reivindicação de novas maneiras de agir no mundo. É uma revolução não apenas das ideias, mas, sobretudo, da carne. Nessa mesma linha, Haraway afirma:

Estou defendendo a política e as epistemologias da localização, do posicionamento e da situação, nas quais a parcialidade, e não a universalidade, é a condição para ser ouvido e fazer afirmações sobre conhecimento racional. Essas são posições sobre a vida das pessoas; a visão a partir de um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, *versus* a visão a partir de cima, de lugar nenhum, da simplicidade (Haraway, 2023, p. 341).

Desse modo, fica claro que, além de “perceber, sentir e nomear de outro modo. Conhecer de outro modo. Amar de outro modo” (Preciado, 2023, p. 58), é imperativo viver de outro modo e em um posicionamento político, pois, no final, é sempre um corpo que pensa, não uma suposta voz abstrata da verdade. Desse jeito, similarmente a Haraway, Preciado afirma o seguinte:

Utilize sua disforia como plataforma revolucionária. Se é certo que as transformações necessárias são estruturais (mudanças nos modos de produção, na agricultura, no uso de energias fósseis, na construção dos tecidos urbanos, nas políticas migratórias) e, em última instância, exigem uma *mudança de paradigma*, nenhuma dessas modificações poderá ocorrer sem a atuação de práticas concretas de transformação micropolítica. Não existe mudança abstrata. Não há futuro. A revolução é sempre um processo. Agora. Aqui. Está acontecendo. Revolução ou morte. Já começou (Preciado, 2023, p. 526).

Por isso, para Preciado, além do partidarismo por uma epistemologia mutante, é preciso que haja a atuação desses corpos disfóricos, que sentem em suas peles as inconsistências de atuais regimes de verdade. O mundo precisa, mais uma vez, da instabilidade das noções para conseguir ultrapassar impasses. É preciso, mais uma vez, sentir a incomensurabilidade do real.

Nesse sentido, Alexandre Koyré, ao estudar as revoluções científicas do século XVII, e considerando nomes destacados nesse momento, buscou entender como o



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

“cosmos fechado” que se tinha até então foi destruído e transformado em um “Universo infinito”:

Pode-se dizer, aproximadamente, que essa revolução científica e filosófica – é de fato impossível separar o aspecto filosófico do puramente científico desse processo, pois um e outro se mostram interdependentes e estreitamente unidos – causou a destruição do Cosmos, ou seja, o desaparecimento dos conceitos válidos, filosófica e cientificamente, da concepção do mundo como um todo finito, fechado e ordenado hierarquicamente (um todo no qual a hierarquia de valor determinava a hierarquia e a estrutura do ser, erguendo-se da terra escura, pesada e imperfeita para a perfeição cada vez mais exaltada das estrelas e das esferas celestes), e a sua substituição por um universo indefinido e até mesmo infinito que é mantido coeso pela identidade de seus componentes e leis fundamentais, e no qual todos esses componentes são colocados no mesmo nível de ser (Koyré, 2006, p. 6) .

Em uma analogia com essa leitura de Koyré, descartando as especificidades do período histórico analisado, mas reivindicando a leitura metafórica empregada, podemos avaliar o movimento de Preciado como algo similar. Afinal, assim como os pensadores desse momento de revolução na elaboração da ciência moderna europeia, Preciado também estaria buscando romper um universo fechado para trazer um infinito. E, ironicamente, um universo que se fechou no mesmo momento em que outro se tornava infinito, uma vez que é exatamente na formação da ciência moderna, como já discutido em seção anterior, que o filósofo critica a emergência do regime *petrossexorracial* por ter limitado certos corpos.

À luz disso, sua ambição traria à tona a infinidade, ao promover uma ultrapassagem de pressupostos epistemológicos de certa forma fechados unicamente para outros corpos, e tudo para alcançar um nível infinito de possibilidades de ser, valorizando mais a criatividade potente e as relações de afinidade. Seria um movimento do corpo fechado binário para o corpo infinito; da epistemologia fechada *petrossexorracial* para a epistemologia infinita mutante. “Trata-se [assim] de participar de uma multiplicidade de práticas dissidentes (experimentação, reparação, cuidado) que estão inventando outra epistemologia a partir da qual produzir o social” (Preciado, 2023, p. 523).

Considerações finais



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

Em vista de toda reflexão que foi aqui construída, ao se pensar partes dos livros *Um apartamento em urano: crônicas da travessia* (2020), *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas* (2022) e *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando* (2023) de Paul B. Preciado, é possível conjecturar que esse filósofo realiza um *elogio da travessia*.

Haveria assim, nessas produções de Preciado, a percepção de reconfigurar certos entraves e desconfortos com uma travessia; com alguma transição. E aqueles que se encontrassem no comentado estado de disforia, que se manifesta diante do agir inconsistente de algumas coisas, seriam justamente aqueles que poderiam promover e reivindicar novos horizontes, novos paradigmas, sendo o próprio filósofo um desses disfóricos e por ser um corpo trans.

Estaria na hora de uma epistemologia mutante que favorecesse outras formas de encarar os domínios da vida, porque “não será possível sobreviver sem contar nossa própria história de outro modo. Sem sonhar de outro modo” (Preciado, 2023, p. 64). O campo de batalha que é o discurso deve ser, em vista disso, reivindicado por esses corpos que sentem a disforia do dia a dia. Afinal, como Michel Foucault declarou, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 2014, p.10).

Em conclusão, e pensando junto de Walter D. Mignolo, podemos dizer que Paul B. Preciado promove com seu pensamento uma “desobediência epistêmica”, e isto porque ele vai contra uma “razão imperial” que se afirmou “como uma identidade superior ao construir construtos inferiores (raciais, nacionais, religiosos, sexuais, de gênero), e de expeli-los para fora da esfera normativa do ‘real’” (Mignolo, 2008, p. 291), e que, de certa maneira, pode ser entendida, como já mencionado mais acima, como a principal empreendedora e organizadora desse mundo que Preciado chamou de *petrossexorracial*. “A batalha, portanto, começa com a desidentificação, com a desobediência, e não com a identidade” (Preciado, 2020, p. 145). Seria então preciso sentir antes a disforia em seu corpo para querer questionar, atravessar e, sobretudo, mudar essas fronteiras. Talvez, assim, um amanhã seja mesmo possível para esse mundo que convulsiona.



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

Referências

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. **Mil plátos**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2010.

Foucault, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edição Loyola, 2014.

Hacking, Ian. Ensaio Introdutório. In: Kuhn, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 9-37.

Haraway, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialismo no final do século XX. In: Buarque de Hollanda, Heloisa; (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 157-210.

Haraway, Donna. No princípio era a palavra: a gênese da teoria biológica; Conhecimentos situados: a questão da ciência no feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **A reinvenção da natureza**: símios, ciborgues e mulheres. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2023.

Koyré, Alexandre. **Do mundo fechado ao universo infinito**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.

Kuhn, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Mignolo, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008.

Navarro Swain, Tânia. Para além do binário: os queer e o heterogêneo. In: Buarque de Hollanda, Heloisa; (Org.). **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 223-237.

Preciado, Paul B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

Preciado, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Preciado, Paul B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.



Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante:

Paul B. Preciado e o elogio da travessia

Pedro Alexandre de Albuquerque

Preciado, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Data de recebimento: 01/07/25

Data de aceite: 10/07/25

Como citar este artigo de acordo com a ABNT:

ALBUQUERQUE, Pedro Alexandre de. Por corpos disfóricos e por uma epistemologia mutante: Paul B. Preciado e o elogio da travessia. **Áskesis**, São Carlos, v. 14, n. 2, pp. 92-111, 2025. Doi: <https://doi.org/10.14244./2238-3069.2025/26>